

## NOTA SOBRE A ENTRADA DE MACHADO DE ASSIS NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA

Valdiney Valente Lobato de Castro<sup>1</sup>

Os jornais cariocas da segunda metade do século XIX guardam muitas informações sobre a vida e obra de Machado de Assis: nessas folhas brotam notícias sobre seu casamento, viagens feitas para tratamento da moléstia que o vitimou e a respeito dos ataques em decorrência dela; há também notas sobre sua participação como júri popular, divulgação dos eventos em que comparecia como orador ou como convidado e várias gravuras com o seu rosto para atrair os leitores. Essas notas revelam dados imprescindíveis sobre os passos do autor no mundo oitocentista e entre elas destaca-se uma publicação saída no jornal *O Pharol*, em 25 de julho de 1904, noticiando a nomeação de Machado como membro da Academia Real de Ciências de Lisboa.

A nação portuguesa não figurou abundantemente nas páginas ficcionais machadianas. A relevância mais significativa acontece no último romance, *Memorial de Aires*: Tristão, afilhado do casal Aguiar, mora em Lisboa, onde se forma em medicina. Ao voltar para o Brasil, mantém vínculo com alguns jornais portugueses em que colaborava e também com alguns chefes da cidade que pretendem elegê-lo deputado; daí recebe regularmente cartas da capital portuguesa, instando pela sua volta. E isto é tudo. Não se esmiúçam os assuntos das muitas cartas que são recebidas pelo jovem médico; apenas no final do romance, quando ele retorna à cidade lusa, já desce do pacote deputado. Dessa forma, Lisboa é apenas um ponto de referência apresentado na obra sem quaisquer especificidades.

Se, na prosa de ficção, Machado foi econômico ao tratar de Portugal, o mesmo não ocorre em suas correspondências; há cartas trocadas com Francisco Gomes de Amorim, Manuel de Araújo, José Feliciano de Castilho, António Feliciano de Castilho, José Cardoso Vieira de Castro, Francisco Ramos Paz, Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho, Eduardo de Lemos, Julio César Machado, Joaquim de Melo, Artur Napoleão dos Santos, Eça de Queiroz, Francisco Filinto de Almeida, Henrique Samuel de Nogueira Rodrigues Chaves, Ernesto Pego de Kruger Cibrão, Carlos Malheiro Dias, Fernando António Pinto de Miranda e António Moutinho de Sousa, além da família Xavier de Novais, principalmente Miguel de Novais, com quem manteve rotineira correspondência.

Provavelmente esses contatos contribuíram para que o nome do autor fosse divulgado em Portugal, isso porque, algumas de suas poesias circularam em jornais oitocentistas portugueses, tanto saídos em Lisboa quanto no Porto e o nome de Machado figura em algumas enciclopédias e dicionários literários portugueses lançados no final do XIX. Com essa disseminação do nome do autor e de seus escritos, entende-se a razão da sua proposição para a Academia Portuguesa. Em 13 de dezembro de 1900, aparece na ata da instituição a proposta de candidatura de Machado ao lado de José Veríssimo e Sílvio Romero. O presidente da academia justifica o nome dos três brasileiros por trabalhos desenvolvidos nos campos jornalísticos, críticos e/ou apenas literários.

Na ata de sessão de 23 de junho de 1904, o presidente anuncia que há um parecer com o nome de Machado para ser votado, mas, como não havia o número de sócios suficientes, a votação foi adiada para a próxima reunião. O parecer foi escrito por José de Sousa Monteiro em 7 de junho de 1901 e a secção de literatura o aprovou em 3 de junho de 1904 pelas mãos de Silveira da Motta e Henrique Lopes de Mendonça, que só depois o submeteram à votação da academia. E, na sessão de 25 de julho de 1904, o nome do autor foi aprovado por unanimidade. Na ata, consta o parecer, o qual transcrevo integralmente e ajusto à ortografia atual.

---

<sup>1</sup> Professora substituta da Universidade Federal do Amapá.

Ao longo do texto, três aspectos de Machado são elogiosamente destacados: a fecundidade de sua pena, com tanta produção em gêneros variados, o humor e o cuidado do autor com a língua portuguesa. Nessa última qualidade, não se pode deixar de notar uma certa rusga com os “brasileirismos” usados por Machado, como também por outros autores brasileiros.

Vale observar como José de Sousa Monteiro conhece as obras do autor em diferentes gêneros e ainda afirma preferir os contos aos romances. No início do século XX, poucas edições das obras machadianas haviam saído em Portugal, por isso o conhecimento do parecerista assevera seu interesse pela produção do autor. Na ata, reunida no livro de Segunda Classe pertencente à Academia de Ciências de Lisboa, há a seguinte observação quanto ao não conhecimento do autor pelo parecerista: “era isto exatíssima verdade na ocasião em que foi redigido este parecer. Hoje não é bem assim”. Provavelmente, na época em que as atas foram encadernadas em volume, os dois já se conhecessem.

Vânia Chaves, Pedro Calheiros e Arnaldo Saraiva dedicaram-se com afinco à pesquisa sobre a circulação da obra de Machado em Portugal e, nesse intuito, rastream algumas poesias saídas em periódicos portugueses oitocentistas, alguns capítulos do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicados no *Jornal do Porto* e as primeiras edições de suas obras saídas em terras lusitanas. Em outro momento, acrescentarei alguns dados quanto à recepção desses escritos, seja por meio da análise dos primeiros colóquios acerca da obra do autor, ou pelo levantamento das produções acadêmicas escritas nas universidades portuguesas ou, ainda, pela leitura das cartas de Machado, a fim de refletir como se deu, no século XIX, a penetração das obras do autor em Portugal.